

ABORDANDO O NAZISMO NA SALA DE AULA

Mariana Fujikawa¹
Mariana Fernandes Ramos

Resumo

O subprojeto PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) visou abordar personagens não comumente englobados nas visões tradicionais da História. Nesse sentido, os e as bolsistas desenvolveram, no Colégio xxxxxxxx, uma atividade sobre o nazifascismo, sendo ela aplicada nos nonos anos do ensino fundamental, no ano de 2017. Planejamos cinco aulas, em que objetivamos complexificar o surgimento e fortalecimento do nazismo, assim como analisarmos e problematizarmos fontes do período e suas relações com o presente. Concluímos que a aprendizagem histórica do Nazismo foi feita a partir de uma construção crítica do passado e do presente, e as e os alunos entenderam, assim, que o nazismo não é um tema totalmente afastado do presente, e que discursos de ódio - devido ao racismo e à intolerância - persistem ainda hoje.

Palavras-chave: Ensino de História. Ensino Fundamental. Nazismo. Resistências. Discursos de ódio.

Recebido em 25 de setembro de 2018 e aprovado para publicação 30 de dezembro de 2018

¹ Graduando em História (Licenciatura e Bacharelado) pela Universidade Federal do Paraná. Correio eletrônico: mari.fujikawa97@gmail.com

Introdução

Este artigo é resultado do plano de aula aplicado no Colégio Estadual xxxxx aplicado no ano de 2017, no mês de abril, pensado e aplicado pelos e pelas bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), que era coordenado pela Professora xxxxxx e supervisionado pela professora xxxxx. Nosso objetivo foi demonstrar durante as aulas o surgimento e o fortalecimento do nazismo, mostrando grupos que foram perseguidos e a resistência dos mesmos contra esse sistema.

Assim, temos o intuito, além de apresentar os resultados dessas aulas, de mostrar como este conteúdo pode ser aplicado em sala de aula, utilizando fontes como discursos e propagandas, que foram muito importantes para o fortalecimento desse pensamento entre os alemães e como a aprendizagem histórica sobre esse conteúdo pode ser feita através de uma construção crítica do passado e do presente, mostrando para os e as alunas que esses mesmos discursos são incorporados por alguns movimentos atualmente.

Tal atividade foi desenvolvida a partir das diretrizes curriculares do Estado do Paraná, que incorpora as temáticas do Holocausto, do nazismo e do fascismo no conteúdo do 9º ano e que também defende a incorporação de temáticas sociais como: Discussões sobre opressão, discurso de ódio e resistência. Entendemos que o fascismo, como afirma Paxton na introdução de *Anatomia do Fascismo*², “foi a grande inovação política do século XX, e também a origem de boa parte de seus sofrimentos”³.

Segundo o autor, o fascismo nasceu no ano de 1919 em Milão, em uma reunião que declarava guerra ao socialismo, pelo fato do mesmo ser oposto ao nacionalismo, nesse momento Mussolini deu ao seu movimento o nome de *Fasci di Combattimento*⁴ e um tempo depois esse programa fascista era “uma curiosa mistura de patriotismo de veteranos e de experimento social radical, uma espécie de ‘nacional-socialismo’.”⁵ O termo *fascio* era utilizado como um símbolo de unidade de uma comunidade e/ou um grupo.

Debater sobre o fascismo, buscando entender sua origem e como o mesmo foi implementado em algumas sociedades, foi um dos nossos objetivos com essas aulas. Uma das ferramentas utilizadas por nós para que houvesse maior compreensão dos alunos

² PAXTON, Robert. “Introdução” In *A anatomia do Fascismo*. RJ, Paz e Terra, 2007.

³ Ibidem, p.13.

⁴ “Fraternidade de combate”.

⁵ PAXTON, Robert. Op. Cit. p. 16.

sobre o tema foi a propaganda. Entendemos que a propaganda foi uma importante ferramenta utilizada pelo nazismo, tanto para a propagação dos ideais nazistas, quanto para perseguir e criminalizar grupos contrários. Hannah Arendt, no capítulo “Movimento Totalitário”⁶, trata a diferença entre o mecanismo de convencimento pela propaganda totalitária e o pelo terror. De acordo com a autora, a “ralé” e a elite são quem têm propensão e empatia ao totalitarismo⁷, ou seja, o terror não é a única ferramenta utilizada para controlar a sociedade. Para Arendt, as massas têm que ser conquistadas, e isto ocorre via propaganda, já que considera que o convencimento pelo terror acaba sendo limitado. É nesse sentido teórico que buscamos abordar a temática do nazismo e da utilização da propaganda em sala de aula.

Sobre a configuração desse texto, decidimos organizá-lo da seguinte maneira: primeiramente apresentaremos como funciona o programa PIBID. Em seguida, dissertaremos sobre como foi o andamento das aulas, da atividade e suas conclusões. No final, apontaremos algumas considerações finais, apresentando alguns pensadores que falam sobre o tema e abordando a importância de se falar sobre isso em sala de aula.

Entendendo o PIBID

Para que seja possível entender como optamos por abordar esse tema na sala de aula, pensamos que é importante que se compreenda a dinâmica do funcionamento do PIBID. O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência foi regulamentado em 2010. É desenvolvido pelo Ministério da Educação e visa apoiar a inserção nas salas de aula dos e das estudantes de cursos de licenciatura. Assim, com esse programa os e as alunas de graduação desses cursos possuíam uma experiência com a docência antes mesmo de terminarem a faculdade. Eram constituído por bolsistas, pelo ou pela coordenadora do programa - uma professora da universidade vinculada - e por professores e professoras da rede pública de ensino.

O curso de História - Licenciatura e Bacharelado, da Universidade xxxxx, do qual fazemos parte, possuía dois projetos do PIBID, que entraram em vigor com o edital de 2011. Éramos bolsistas do projeto PIBID História 1 - repensando culturas e identidades culturais no ensino de História, que era coordenado pela professora do departamento de

⁶ ARENDT, Hannah. “O Movimento Totalitário”. In: *Origens do Totalitarismo*. SP: Cia das Letras, pp. 390-438

⁷ *Ibidem*, p. 390.

história da UFPR xxxxx. Esse projeto buscava entender como e porque histórias de certos grupos sociais e de certas categorias de personagens não são comumente abordadas na educação básica. Além disso, o projeto objetivava promover o diálogo entre a universidade e as escolas, promovendo a contínua formação dos e das professoras de história.

No momento da aplicação da atividade que iremos retratar nesse artigo o grupo possuía 14 bolsistas,⁸ duas supervisoras (xxxxxxx) e a coordenadora. Nesse projeto todos os integrantes participam de toda a extensão das atividades, com exceção da coordenadora, pois essa não participa da aplicação. Essas atividades são planejadas e elaboradas anteriormente à visita ao colégio, sendo elas discutidas com todo o grupo. Em seguida, aplicamos-nas, e após a finalização, os e as bolsistas - na reunião e no relatório - avaliam o desenvolvimento das aulas e a produção dos estudantes. Assim, debatemos o que pensamos que funcionou ou não na aplicação do plano de aula.

Dessa forma, entendendo o funcionamento do PIBID e nossas escolhas de grupos e temas, em uma reunião ordinária no mês de março de 2017, o grupo de bolsistas optou por abordar o tema do nazismo com três turmas do nono ano do ensino fundamental. Essas turmas pertenciam ao Colégio Estadual xxxxxx, que se localiza no bairro xxxxxx, na cidade de xxxxxx. Participaram da elaboração e aplicação dessa atividade sete bolsistas, sob a coordenação da Profa. xxxxxx e supervisão da Profa. xxxxx.

Plano de aula e aplicação

Um aspecto do PIBID é o de que procuramos, em nossas aulas, trazer documentos primários para que os e as alunas criem interpretações históricas conjuntamente conosco. Assim, para elaborarmos esse plano de aula, escolhemos as fontes que iríamos trabalhar. Nesse sentido, a professora xxxxxx sugeriu algo ousado: iríamos trazer, para a primeira aula, trechos dos discursos do Hitler do início de seu mandato, porém não iríamos colocar a autoria. Assim, cada aluno e aluna receberia os trechos, iríamos ler com eles, e eles deveriam comentar se concordam ou não com os discursos.

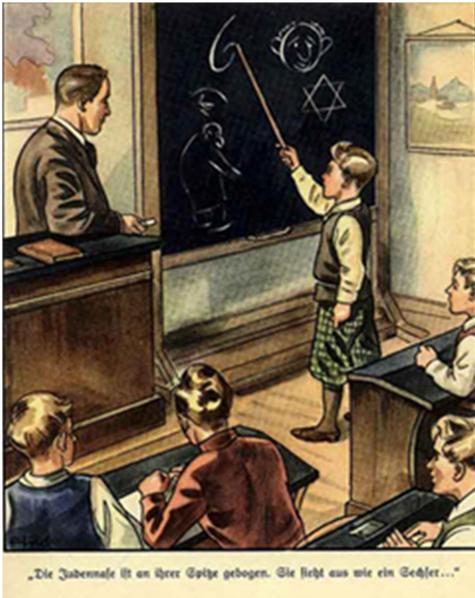
⁸ Atualmente o edital terminou, mas há previsão de novo edital para o segundo semestre de 2018.

Inicialmente, na primeira aula, entregamos aos e às estudantes esses pequenos trechos de Hitler. Os trechos foram os proferidos por Hitler em sua fala no parlamento sobre a aprovação da *Lei para Superação das Necessidades do Povo e do Reich* em 23 de março de 1933, também os trechos de um discurso realizado à juventude Hitlerista em 1934 e outro de um no Congresso de Nuremberg no mesmo ano. Após a leitura das fontes, perguntamos aos alunos se eles concordavam com o que estava escrito. Em um primeiro momento alguns disseram que concordavam, porém alguns afirmavam que perceberam alguns trechos problemáticos nessas fontes. Após isso, indagamos se eles tinham ideia de quem tinha feito esses discursos, e nesse momento diversas ideias interessantes apareceram: alguns alunos e alunas relacionaram esses discursos com momentos históricos como a ditadura militar, e outros sugeriram personagens da atualidade, como Donald Trump. Um aluno, inclusive, chegou a afirmar que foi Hitler quem proferiu esses discursos. Após essa discussão, apresentamos o vídeo com Hitler discursando. A reação a isso foi diversa, e alguns alunos e alunas ficaram surpresos e chocados com o fato de que haviam, inicialmente, concordado com o discurso dele. Em seguida, analisamos a postura, os gestos de Hitler, para eles perceberem a influência dessas questões na população. Após isso, começamos a contextualizar o assunto, e a trazer mais aspectos sobre o surgimento do nazismo. Além disso, exploramos mais a questão dos discursos, pois nessa aula objetivávamos estimular o senso crítico dos e das alunas, demonstrando que, na fase inicial, nos anos de 1933, 1934, o discurso do Hitler ainda não era extremo, e muitas pessoas poderiam concordar, no início. Porém, desejávamos demonstrar que é preciso prestarmos atenção nos discursos, pois, apesar de não ser inicialmente extremo ele pode levar e resultar em ações extremamente excludentes e extremas. Por fim, terminamos essa aula questionando os e as estudantes para ver se, na atualidade, eles veem discursos semelhantes aos apresentados.

A próxima aula foi planejada para que os e as alunas analisassem fontes do período. Em específico, propagandas nazistas, páginas de jornais e revistas. Pedimos para que os estudantes fizessem um semicírculo voltado para a televisão e formassem duplas para analisarem a documentação. Antes dessa análise, discorremos sobre o que é uma propaganda, e direcionamos a pesquisa com algumas perguntas: quem está retratado? Qual o público alvo? Qual a mensagem que a propaganda visa transmitir? Após colocarmos essa pergunta, deixamos os estudantes analisarem e posteriormente pedimos para que cada dupla falasse de sua fonte.

Algumas das fontes analisadas:

Figura 1:



Fonte: Página de dentro do livro de propaganda antisemita “Der Giftpilz” (O cogumelo venenoso). Tradução: “O nariz judaico está curvado. Parece o número seis” (1938).⁹

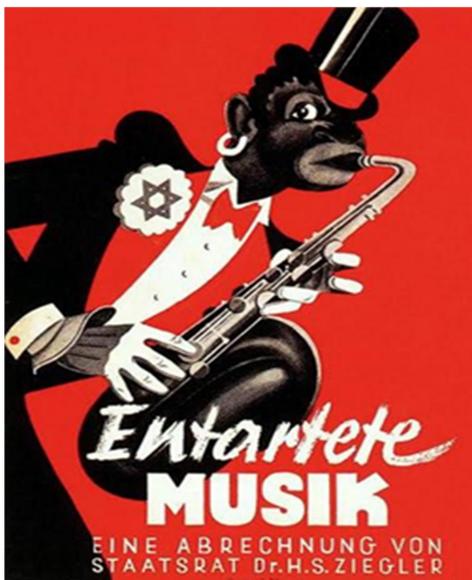
Figura 2:



⁹ Página de dentro do livro de propaganda antisemita “Der Giftpilz” (O cogumelo venenoso). Tradução: “O nariz judaico está curvado. Parece o número seis”. Disponível em: (<http://www.master-of-education.org/10-disturbing-pieces-of-nazi-education-propaganda/>).

Fonte: Página de jornal alemão da década de 30. Matéria intitulada: "Vagabundos: maneiras novas de combater a praga cigana." (data desconhecida).¹⁰

Figura 3:



Fonte: Cartaz da exposição de "Música Degenerada" produzido na década de 30.

Tradução: "Música Degenerada: uma prestação de contas do Conselho de Estado com Hans Severus Ziegler." (década de 30).¹¹

115

Figura 4:

¹⁰ Página de jornal alemão da década de 30. Matéria intitulada: "Vagabundos: maneiras novas de combater a praga cigana." Disponível em: <https://www.ushmm.org/propaganda/assets/images/500x/anti-roma-propaganda.jpg>.

¹¹ Cartaz da exposição de "Música Degenerada" produzido na década de 30. Tradução: "Música Degenerada: uma prestação de contas do Conselho de Estado com Hans Severus Ziegler." Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1h6CTRHT9FaUnWhNj7PB4Njn4Jyl5COxwWVqBASxEKc/edit#>.



Fonte: Cartaz nazista. Tradução: "Você é a frente". (1940).¹²

Figura 5:



¹² Cartaz nazista produzido em 1940 na Alemanha Tradução: "Você é a frente".

Disponível em: (<https://herb.ashp.cuny.edu/items/show/1197>).

Fonte: Propaganda nazista, tradução: Apoie fundação da Mãe e da Criança”. Hilfswerk Mutter und Kind era uma fundação nazista de apoio a mães arianas. (1937).¹³

A partir dessas fontes, desejávamos apresentar aos estudantes os grupos que eram perseguidos pelo nazismo, os judeus, negros, deficientes, ciganos. No texto *Modernidade e Holocausto*¹⁴, no capítulo “Modernidade, racismo e extermínio I”, Bauman disserta sobre o anti-semitismo, ao qual, segundo ele o holocausto foi a gota d'água de anos, séculos de ressentimento religioso, cultural, econômico e nacional e que em um primeiro momento a comunidade judaica via a Alemanha como um refúgio, onde encontrariam igualdade e tolerância religiosa. Com isso ele quebra o pensamento de que o anti-semitismo teve início com o nazismo, na Alemanha, ele chega a dizer que o mesmo era muito mais presente na Europa.

No decurso do texto o autor expõe fatores que de certa forma ocasionaram para que os judeus se diferenciasssem dos outros imigrantes. Uma característica dada pelo autor é que a “Diáspora judaica é a simples extensão do tempo histórico, em que esses ‘estrangeiros no nosso meio’ preservam sua separação tanto no sentido de continuidade diacrônica como de auto-identidade sincrônica”¹⁵. A falta de lar dos judeus prejudicava sua imagem, a imagem de um povo sem nação. Isso, segundo o autor, era uma imagem que eles compartilhavam com os ciganos, que também não eram bem vistos. O fato dos judeus serem conhecidos por não terem um lar foi um fator muito importante para a construção da sua identidade frente à visão das pessoas dos outros países. Os nazistas acreditavam que o fato de os judeus não possuírem um Estado territorial, faz com que eles não possam lutar pelo poder na sua forma regular de guerra para conquista de territórios. Assim, eles teriam que fazer outras artimanhas para conquistar, sendo essas artimanhas indecentes.

Procuramos abordar também, como os papéis que eram atribuídos aos homens e às mulheres eram diferentes. Os alunos mostraram-se, nesse momento da aula,

¹³ Uma propaganda nazista de 1937 - Tradução: Apoie fundação da Mãe e da Criança”. Hilfswerk Mutter und Kind era uma fundação nazista de apoio a mães arianas.

Disponível em: (<https://blog.uvm.edu/acmyers/naturalroles/>).

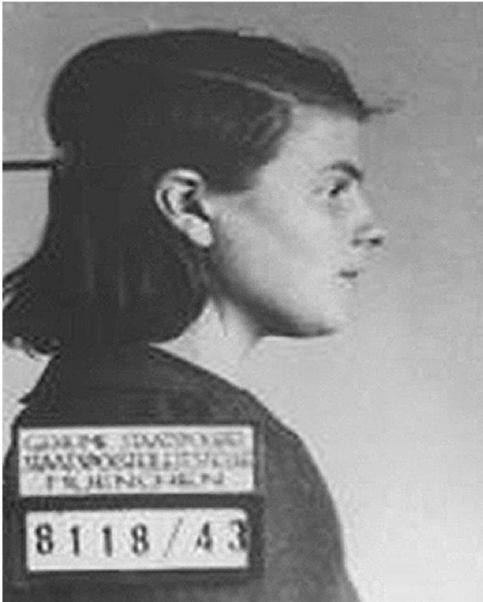
¹⁴ BAUMAN, Zygmunt. “Modernidade, racismo e extermínio” in *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

¹⁵ Ibidem, p. 55.

agitados, pois era uma atividade em equipe, então, após eles apresentarem suas considerações, aprofundamos a questão dos papéis de gênero e das perseguições.

Na terceira aula afirmamos que não eram todos que aceitaram o nazismo, e que houve resistência. Retomamos a questão da divisão dos papéis sexuais. A partir disso, começamos a falar sobre as formas de resistência que existiam contra o nazismo, focando na resistência feminina. Nesse sentido retomamos o anexo 5, e afirmamos que os nazistas consideravam as mulheres como passivas, e visamos demonstrar que muitas delas eram ativas participantes de movimentos de resistência, e eram mensageiras, entregavam panfletos criticando o nazismo, dentre outras funções. Para que os alunos e alunas visualisassem isso, trouxemos casos de resistência. Abordamos o Rosa Branca, grupo existente feito por jovens dentro da Alemanha, assim como uma militante desse movimento: Sophie Scholl. Ela, resistindo, foi condenada por traição e executada. Mostramos, no projetor, uma breve biografia de sua vida, assim como mostramos uma foto dela. Apresentamos, também, Irena Sendler, que salvou aproximadamente 2500 judeus dos nazistas. Foi presa e torturada pela Gestapo. Sobreviveu e faleceu em 2008. Mostramos uma foto dela no período do nazismo e já quando era idosa. Entendemos que essa aula foi de extrema importância, pois, ao apresentarmos mulheres que se opuseram ao nazismo desconstruímos a ideia de mulheres como passivas. Além disso, percebemos que os e as alunas prestaram muita atenção na aula e, com as fotos e uma breve biografia dessas mulheres, criaram empatia com elas. No fim da aula requisitamos que os e as alunas fizessem uma pesquisa. Eles deveriam pesquisar pessoas que resistiram e resistem a discursos de ódio na atualidade. Nós fornecemos nomes de pessoas resistentes, e os alunos e alunas pesquisariam sobre eles e elas.

Figura 6:



Fonte: Sophie Scholl. (1943).¹⁶

Figura 7:



Fonte: Irene Sendler. (Data desconhecida)¹⁷

Figura 8:

¹⁶ Sophie Scholl. (1943). Disponível em: (<https://br.pinterest.com/paoladarcangelo/sophie-scholl/>).

¹⁷ Irene Sendler. Disponível em: (<http://www.dailymail.co.uk/home/you/article-1037057/Irena-Sendler-Holocaust-heroine.html>).



Fonte: Irene Sendler.(Data desconhecida)¹⁸

Após essa aula, as alunas e alunos dos nonos anos foram ao Museu do Holocausto, onde tiveram contato com a temática já tendo sido abordada na sala de aula. Entendemos que as idas ao museu podem contribuir com o aprendizado histórico. Posterior a essa visita, retomando o nazismo e o ódio direcionado aos judeus, negros, ciganos, gays, deficientes, abordamos como discursos de ódio ainda permanecem. Para tratarmos disso, expomos comentários retirados de redes sociais, que representam ódio direcionado a certos grupos. Assim, iniciamos uma discussão sobre o que é um discurso de ódio, e como ele se manifesta no nosso cotidiano.

Por fim, na última aula, os e as estudantes desenvolveram a atividade. A ideia era de que escolhessem uma pessoa que resistiu ao nazismo ou aos discursos de ódio para fazerem um perfil de Facebook dessa pessoa. Eles escolheriam entre as informações da pesquisa solicitada na terceira aula ou entre o panfleto que receberam durante a visita ao museu do Holocausto, em que cada panfleto possuía a história de vida de alguém que viveu no período do nazismo. A atividade trouxe resultados extremamente satisfatórios. Ainda que alguns estudantes não tenham feito a pesquisa ou tenham esquecido o panfleto do Museu do Holocausto, a grande maioria conseguiu, com algum colega, as informações necessárias para a atividade. Assim, quase todas as e os alunos fizeram o perfil, muitos com interesse, envolvendo-se com a atividade. Dessa forma, pensamos que eles criaram uma relação de empatia com essas pessoas.

Conclusões

¹⁸ Irene Sendler. Disponível em: (<http://www.snopes.com/politics/war/sendler.asp>).

O resultado das atividades foi satisfatório. Durante a aula em que os e as alunas fizeram a atividade, houve pouca agitação, eles prestaram atenção e a maior parte deles se empenharam para concluir a atividade. Não houve muito tempo, então não poderíamos exigir muito da estética do trabalho, mesmo assim, os trabalhos ficaram muito bons e eles e elas mostraram, no geral, terem entendido a proposta, tanto as (os) que optaram por se utilizar da pesquisa, quanto as (os) que optaram por utilizar o cartão que haviam recebido durante a visita no museu.

Após as aulas, notamos que talvez, se tivéssemos utilizado duas aulas para uma análise mais calma e aprofundada das propagandas nazistas talvez produzisse uma reflexão maior nos estudantes. O objetivo do plano, porém, pareceu ter sido cumprido. Houve diversos debates e muitos deles puxados pelos próprios alunos, sendo que muitos deles também buscaram fazer conexões com discursos presentes na atualidade.

Entendemos que os fascismos, antes de terem chegado ao poder, surgem em sociedades de governos democráticos, e não totalitários. Para tornarem-se governos, deixando de serem movimentos, esses grupos recorreram à propaganda. Essa propaganda, por sua vez, é dirigida à um público específico, o “público de fora”, que corresponde às populações que fazem parte de classes não-totalitárias da sociedade, sejam elas as populações do próprio país, mas também populações externas. Assim, baseadas em Arendt, entendemos que as propagandas foram instrumentos utilizados pelo totalitarismo.

Por fim, ressaltamos a importância de abordarmos as propagandas e as fontes primárias em sala de aula, mas problematizando e analisando conjuntamente com os e as alunas como esses discursos podem ser utilizados para fins excludentes e dominadores. Além disso, entendemos que abordar a temática do nazismo nas escolas é essencial para incentivarmos o pensamento crítico dos estudantes, para que eles entendam que assim como o nazismo surgiu e produziu discursos intolerantes, discursos semelhantes a esse ainda persistem e existem, e precisamos analisar e entendermos esses movimentos para assim podermos criticá-los e nos posicionarmos de forma contrária ao racismo e à intolerância.